

FMS / FMLE
BIBLIOTECA

Jornal:

A Tarde

Data:

16/07/14

Caderno:

A

Página:

4

Seção:

Assunto:

Bairro
Itapira

ORLA Começou ontem a demolição de estruturas para nova etapa das obras de requalificação. Trabalho continua hoje

Prefeitura põe abaixo quiosques em Itapuã

ANDERSON SOTERO

Oito dos 14 quiosques de alvenaria da orla de Itapuã foram demolidos pela prefeitura, na manhã de ontem, para requalificação do trecho.

Com a presença de cerca de 50 guardas municipais, muitos deles armados, técnicos da Secretaria de Ordenamento Público (Semop) coordenaram a derrubada das estruturas com o uso de uma retroescavadeira.

A previsão é que os quiosques restantes e outras 12 estruturas menores sejam demolidas até amanhã. A intervenção faz parte do projeto que pretende, até o fim de 2015, ter nove trechos da orla requalificados.

A derrubada lembrou a demolição das barracas, ocorrida em 2010, por determinação da Justiça Federal. Desta vez não houve resistência e protestos que ocorreram à época. Eles disseram que foram informados pela prefeitura de que outro espaço seria disponibilizado enquanto a obra é executada e, em seguida, retornariam, após finalizar a requalificação.

Uma das previsões iniciais da Casa Civil era que a requalificação em Itapuã fosse concluída em maio deste ano. Mas as obras começaram com atraso, último dia 3. A nova previsão é que seja finalizada em nove meses, em abril do ano que vem.

Até lá, comerciantes que trabalhavam no local estão preocupados sobre como vão ganhar o sustento.

Coco Mel

"Espero que não fique que nem o que aconteceu com as barracas de praia. Derrubaram e não deu em nada. Minha irmã não quis nem assistir derrubarem o quiosque que a gente trabalhava", contou Ednilson Ferreira, 35, irmão da permissionária do quiosque Coco Mel, o primei-

26

quiosques têm previsão de ser retirados da orla de Itapuã, 14 de alvenaria e o restante com toldos.

Anteontem foi o prazo máximo dado pela prefeitura para que os comerciantes retirassem os equipamentos de dentro das estruturas. A previsão para conclusão da obra de requalificação é de 9 meses

ro a ser demolido.

"Tinham 20 pessoas trabalhando aqui. Agora, todos terão que se virar. Quero ver o que a prefeitura vai fazer com a gente", cobrou a garçonete Elaine Guedes, 27.

A permissionária Liliane Dias, 28, disse que não há garantias. "É triste e doloroso ver tudo ser derrubado. Mas, se é para vir coisa nova, a gente tem que aceitar. A prefeitura falou que vai devolver, mas sempre fica aquela dúvida. Tiveram só uma reunião com a gente", afirmou.

Após reivindicação dos comerciantes, a prefeitura con-

cedeu um prazo até anteontem para que os permissionários retirassem os equipamentos do local para a demolição. Ontem pela manhã, alguns deles ainda retiravam materiais.

Pai de um jovem com paralisia cerebral, o permissionário Pedro Xavier, 59, do quiosque Cravinho do Rasta, contou que pagava o convênio médico do filho de R\$ 354 e outras despesas com o que tirava do local.

"Não tenho expectativa de emprego com quase 60 anos. Na última reforma que fiz, gastei R\$ 6 mil. Quero voltar

a trabalhar. Espero que pelo menos a gente possa trabalhar na praia", disse Xavier, há 25 anos no local.

"Disseram para a gente sair muito em cima. Não teve diálogo. Dependo do quiosque para duas famílias. A gente devia receber uma espécie de seguro-desemprego, uma ajuda de custo. Não somos contra, mas essa demolição desempregou muita gente", acrescentou a permissionária Elisabete Rodrigues, 52.

Quiosques

A secretária de Ordenamento Público da capital baiana, Ro-

semma Maluf, disse que "todos os permissionários que tiverem licença e que já trabalhavam no local receberão quiosques".

De acordo com a programação da prefeitura, baianas de acarajé e vendedores de coco e mingau receberão estruturas móveis. Enquanto a obra é executada, eles poderão trabalhar no local "sem atrapalhar o andamento da obra".

"Os quiosques com estruturas grandes, como lanchonetes, vão ter que aguardar a finalização da obra", esclareceu a gestora.

Fotos João Souza / Ag. A TARDE



“Não somos contra, mas essa demolição desempregou muita gente”

ELISABETH RODRIGUES, comerciante



“Todos com licença e que já trabalhavam no local receberão quiosques”

ROSEMMA MALUF, secretária

Eduardo Martins / Ag. A TARDE / 4.1.2013



Homens da Guarda Municipal deram suporte

Língua de Prata e Jangada resistem

O projeto de requalificação da orla de Itapuã esbarra em um empecilho. Dois dos espaços previstos para ser demolidos (os restaurantes Língua de Prata e Jangada) conseguiram liminar na Justiça que impeça a intervenção.

O permissionário do Língua de Prata, Luiz Quintella, até admite que o restaurante está em terreno de marinha, que pertence à União. “Na época das barracas de praia, não fomos incluídos porque, apesar de estar em terreno de Marinha, o restaurante está fora da areia”, alegou.

Quintella disse, ainda, que “quem atrai público para o

bairro” é o restaurante dele, o Jangada e a baiana de acarajé Cira. “Se tirar a gente, quem vai atrair pessoas para cá? Aqui não tem mais nada. Na Copa, não apareceu um turista. O Abaeté está abandonado. Só vai sobrar praia mesmo”, afirmou.

O permissionário disse ainda que, se recebesse um quiosque após a requalificação, não atenderia ao serviço que oferece.

“Não vou poder trabalhar com música ao vivo, que é um dos principais atrativos do restaurante”, destacou.

A assessoria da prefeitura informou que a Procuradoria

Geral do Município vai recorrer para tentar derrubar a liminar. “Esse restaurante, pela falta de fiscalização, foi ampliando a estrutura, mas o espaço ali é público. Eles pagam licença ao município para utilizar. É espaço da União, mas a prefeitura foi autorizada a executar a obra. Oferecemos um quiosque de 100 m² e ele não quis”, observou a secretária Rosemma Maluf.

Previsão

O coordenador de fiscalização e ordenamento da Secretaria Municipal de Ordenamento Público (Semop), Braz Augusto Pires, destacou que a

previsão é que, até amanhã, todas as estruturas sejam demolidas.

“São 26 quiosques, 14 de alvenaria, e o restante com toldos. Todo o entorno será retirado. Ontem (anteontem) foi o prazo que a gente deu para que retirassem os equipamentos de dentro das estruturas”, afirmou.

“Essa obra traz alguns contratempos para moradores e comerciantes da região, mas o resultado vai ser positivo. O bairro de Itapuã estava há anos sem nenhum tipo de intervenção”, justificou a secretária municipal Rosemma Maluf.

Baianas de acarajé temem ficar sem poder trabalhar

A preocupação dos donos dos quiosques com o trabalho durante o período da obra de requalificação da orla de Itapuã também é compartilhada por baianas de acarajé que vendiam o quitute no local.

“Pretendo ficar onde sempre estive trabalhando aqui, com um sombreiro. Ficar tanto tempo sem trabalhar enquanto fazem a obra é morrer de fome. Eu não sei fazer outra coisa da vida. Peço que a prefeitura cumpra a palavra e que a gente fique no mesmo lugar depois da requalificação”, ressaltou a baiana de acarajé Tânia Maria de Jesus, 58, que herdou o tabuleiro da mãe e há 44 anos vende em Itapuã.

Cira

A mais famosa das baianas do bairro, Jaciara de Jesus, 63, a Cira, foi convidada, segundo funcionários, a trabalhar no bar Posto 12, em frente ao local onde ela costumava ficar, próximo à ladeira de acesso à lagoa do Abaeté.

“A gente continua pagando conta de luz e água. Eu crio cinco netos. Quando fiz meu quiosque gastei R\$ 3 mil”, contou a também baiana de acarajé Maria das Graças Cerqueira, 66.

“Vou ter que colocar um sombreiro para trabalhar e, pelo menos, pagar as minhas contas”, acrescentou a comerciante.